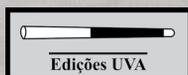


Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Organizador

# *Nossa Gente, Nossa História*

*O Ceará Republicano*



Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Organizador

*Nossa Gente,  
Nossa História*  
*O Ceará Republicano*

Sobral-CE  
2019



## ***Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano***

© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil.

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional.



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222  
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

### **Conselho Editorial**

Adriana Brandão Nascimento Machado  
Carlos Augusto P. dos Santos  
Isorlanda Caracristi  
Nilson Almino de Freitas  
Regina Celi Fonseca Raick  
Telma Bessa Sales  
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

### **Coordenação Editorial e Projeto Gráfico**

Marco Antonio Machado

### **Revisão**

Antonio Jerfson Lins de Freitas

### **Foto da capa**

Passeio público, Fortaleza, 1919

### **Catálogo na publicação**

Leolgh Lima da Silva – CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

### **Filiada à**



### **Reitor**

Fabianno Cavalcante de Carvalho

### **Vice-Reitora**

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

### **Diretora das Edições UVA**

Maria Socorro de Araújo Dias

### **Conselho Editorial**

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)  
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo  
Ana Iris Tomás Vasconcelos  
Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Claudia Goulart de Abreu  
Eneas Rei Leite  
Francisco Helder Almeida Rodrigues  
Israel Rocha Brandão  
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque  
Maria Adelane Monteiro da Silva  
Maria Amélia Carneiro Bezerra  
Maria José Araújo Souza  
Maria Somália Sales Viana  
Maristela Inês Osawa Vasconcelos  
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele  
Renata Albuquerque Lima  
Simone Ferreira Diniz  
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros  
Virgínia Célia Cavalcanti de Holanda

**N785** Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertão Cult; Edições UVA, 2019. 294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8  
ISBN: 978-85-9539-035-5  
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.  
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

# Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

## Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. “O rio é uma riqueza imensa”: Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9

*Maria Malena Paiva Mesquita*

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota-CE (1980- 1990) / 19

*Francisca Clédia Sousa de Oliveira*

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951-1958) / 33

*Letícia Rodrigues Gonçalves*

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45

*Caubí Alves Braga*

*Naiane Nobre Martins*

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55

*Pedro de Souza Filomeno Filho*

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65

*Raimundo Nonato Fernandes*

## Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. “Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”. Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85

*Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara*

8. “Depois foi que veio essa modernização”: as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95

*Adelina Lopes Guimarães*

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreaú-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103

*Sebastião Ferreira Carneiro*

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119

*Paulo Ênio de Sousa Melo*

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133

*João Henrique Brito Lima*

12. A Educação na República / 145

*Natanael Lopes Alves*

### **Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas**

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157

*Vinícius Pereira de Sousa*

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175

*Alan Silva de Moraes*

15. “Zé Maria mulher”: representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185

*Antonio Tarciano Aragão Sousa*

16. “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus”. Memórias de benzedeadas em Alcântaras-CE / 197

*Maria Deiziane Lino*

17. “Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino”. Memórias sobre o reisado groairense / 205

*Raimundo Sousa Alves*

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221

*Cleane dos Santos de Medeiros*

*Nilson Almino de Freitas*

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233

*Francisco Sávio Barbosa do Nascimento*

### **Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano**

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247

*Odail José Martins Freire*

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255

*Valério Samaromni Moraes de Queiroz*

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261

*Maely Alves de Mesquita*

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273

*Carlos Augusto Pereira dos Santos*

# Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará Republicana, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira*. Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos especialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore<sup>1</sup>, o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

---

<sup>1</sup> *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

6 | Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samaronni Moraes de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

*Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)*

Camocim, outubro de 2018.

## 16. “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus”. Memórias de benzedeadas em Alcântaras-CE

*Maria Deiziane Lino*<sup>1</sup>

O presente texto tem como objetivo analisar as representações de terapeutas populares, popularmente conhecidas com benzedeadas, tendo em vistas suas práticas dedicadas ao tratamento e à cura de enfermidades, conforme se dá no município de Alcântaras – Ceará, comentando sobre a prática e o fazer destas mulheres. Na premissa de que as mulheres benzedeadas, como importantes personagens da cultura popular, detêm de um conhecimento passado de geração a geração e que se perpetua até os dias atuais, nossa análise também visa ressaltar alguns aspectos referentes à apreensão e transmissão deste saber. Por meio de entrevistas estruturadas, onde foi possível constatar que as benzedeadas, ao mesmo tempo em que constituem uma identidade coletiva, tendem a apresentar formas bastante individualizadas no seu fazer. Enfim, com essa pesquisa pretende-se colaborar com a história da localidade de Alcântaras e, por consequência, com a história do Ceará de forma geral, já que estudar a história das benzedeadas é mergulhar em nossas raízes culturais mais genuínas. No mais, cabe agora conhecer o pouco deste estudo.

|197

### **Benzedeadas em Alcântaras – Ceará**

Fruto de uma pesquisa de monografia, o presente texto fala sobre a história de vida e os rituais de cura das benzedeadas do município de Alcântaras, mas especificamente das comunidades de zona rural Sítio Belém e Sítio Milagre, para se entender quem são estas mulheres benzedeadas, seus rituais de cura e reza que exercem no meio social a que pertencem, investigando as memórias de três benzedeadas das localidades acima citadas. As senhoras Maria Ferreira Lino, Maria do Livramento de Menezes e Raimunda Marciano da Costa são as protagonistas desta narrativa, que usam de um mistério e uma simplicidade que jamais serão explicados. Para tanto, não podemos deixar de frisar a contribuição de autores como Elda Rizzo de Oliveira, Manuel Alberto Quintana e Mayre Grayce Souza.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú–UVA. Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET.

Neste sentido, torna-se fundamental entender o lugar de fala destas mulheres, os artifícios que utilizam para fazer da benzeção um instrumento de cura. Para tanto, em alguns lugares, dependendo da região, as mulheres que detêm esta prática cultural e social e que praticam este ofício são conhecidas como “rezadeiras”, “curandeiras” e “benzedeiras”, como é o caso das comunidades de Sítio Belém e Sítio Milagre, do município de Alcântaras – CE. Sendo assim, optamos pelo uso desta última, tendo em vista que é o termo mais utilizado tanto pelas próprias mulheres da cura – uma vez que elas mesmas se definem assim –, como pela comunidade, em sua grande maioria.

Nessa perspectiva, pretendemos historicizar as vicissitudes destas mulheres que são presenças significativas em meio à sociedade, visando mostrar que a história das benzedeiras pode e deve ser entendida para além de suas ações, sendo também a história das mulheres em geral.

No entanto, quando abordamos alguma questão sobre benzeção, práticas curativas, logo o tema é associado às questões religiosas e de uma medicina alternativa de cura. Por outro lado, é muito difícil pensar nas benzedeiras e na sua prática como fator social e culturalmente construído, como um fator humano, e mais difícil ainda é perceber e pensar toda a historicidade por trás do processo de apreensão e transmissão deste saber da cura.

### **As Benzedeiras: entre o dom e seu ofício**

Nesse instante, o foco se desdobra ao ofício das benzedeiras, um exercício constituído através da oralidade que visa absorver as falas como forma de entendimento sobre as práticas de reza e cura realizada por essas senhoras durante um bom período de suas vidas. Assim, foi possível identificar elementos denominados dentro da pesquisa de linhas de vida, ou linhas de referências culturais.

Sendo possível compreender que tal apreensão e transmissão deste conhecimento consistem em diferentes aspectos que vai desde o familiar ao sobrenatural. Desta forma, há quem diga que aprendeu com seus familiares, que já detinham tal conhecimento; ao contrário, têm aquelas que dizem ter aprendido e iniciado o conhecimento da reza através de outras pessoas que não são seus parentes, mantendo o discurso de que muito que aprendeu foi por curiosidade, ou seja, vendo os outros fazendo. Contudo, cabe aqui salientar que aquelas benzedeiras que tinham maior prestígio social no seu ofício, geralmente atribuíam sua aprendizagem a uma espécie de experiência mística, um “*dom divino*”, afirmando terem aprendido sozinhas.

Desta forma, teremos pelo menos duas formas principais de inserção e apreensão desses sujeitos históricos no universo da benzeção, ocorrendo principalmente pelos laços de parentesco, em geral por avós, mães, tias e ou-

tros. A outra categoria está vinculada a uma espécie de “dom divino”, ou seja, por mais que elas relatem que apreenderam as rezas com seus familiares, que boa parte das suas experiências vem dos seus antepassados, elas sempre vão associar sua prática ao sobrenatural, afirmando ter recebido o “*dom de cura*”, na premissa de que não é qualquer pessoa que pode ser um benzedor e uma benzeadeira.

Corroborando com o que foi inferido acima, temos Alberto Quintana, que a partir dos seus estudos acerca da aprendizagem da prática da benzedura diz:

A formação da benzeadeira depende de uma aprendizagem assistemática, mas que, a rigor, pode ser dividida em dois tipos: aquela que é resultado de uma experiência sobrenatural e a que é consequência de um processo imitativo em relação a um mestre<sup>2</sup>.

Portanto, e a partir de Quintana, temos aqui duas formas principais de inserção destas mulheres no universo da benzeção, processo descrito por Quintana como “imitativo” (adquirido) e “sobrenatural” (recebido).

Dona Maria Ferreira, mais conhecida com Maria Lázaro, quando questionada sobre com quem e como aprendeu a benzer relata:

| 199

Aprendi uma parte com a minha mãe, outra parte aprendi ouvindo as pessoas rezar, e outras foi que me ensinaram né, uma benzeadeira me ensinou, mas aprendi mais vendo as pessoas rezarem, porque a benzeadeira já rezava para a gente aprender e eu aprendi assim, agora tinha algumas reza que eu não aprendi porque não era para eu aprender porque a reza é para curar né, e como é que a gente reza com o demônio. Pois é, foi ouvindo, ouvia as pessoas rezando, e aprendi melhor vendo as pessoas rezando, aprendi bastante coisa, mais eu não usava rezar não, rezei por necessidade, eu não tinha fé não. Minha mãe também me ensinou uma oração que é a de quebrante.

Diante deste relato inicial, peço que ela fale de quando começou a benzer e ela diz:

Rezei por necessidade, a primeira vez que rezei, sei que aqui acolá eu rezava pensando um dia eu preciso, sempre lembrando, relembro as rezas para que se precisasse um dia eu não me entapalhar, aí foi assim, eu tive precisão porque eu não sei se minha reza era melhor do que a da mulher ou era a fé, a mulher

<sup>2</sup> QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*, Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 53-55.

era rezadeira, aí a mocinha minha desmantelou uma veia aqui da coxa, do pé da virilha pra cá, quando bastasse ela fazer uma viagzinha para Alcântara, a coxa inchava chega ficava vermelha, vermelha aí eu mandava a mulher rezar, para eu não rezar, mas sempre com cuidado nas minhas rezas, mas sem fé de jeito nenhum, aí quando foi um dia esta mulher rezou, rezou, rezou, a menina fez uma viagem tornou adoecer de novo, aí eu sabe menina desde hoje eu vou rezar, eu vou rezar, rezei, quando foi, rezei né, quando ela fez uma viagem não senti nada. E eu sem fé a primeira vez que eu rezei né, eu senti que a menina tinha ficado boa, pronto, e tá boa, e num é assim que a pessoa manda se operar, manda fazer isso, manda fazer aquilo de abestado né. Ai eu rezei fé em Deus e nossa Senhora e ela ficou boa [...]³.

Já Dona Raimunda Marciano, outra benzedeira da localidade, quando questionada sobre quando começou a praticar a benzeção diz o seguinte:

Aprendi a benzer com 12 anos, foi sozinha ninguém me ensinou, aprendi com livre espontânea vontade. Minha mãe já rezava, tem muita gente que sabe, só que as pessoas tem um dom, já é um dom que Deus já dá para aquela pessoa rezar. É um dom que a pessoa tem. A primeira reza que eu rezei, eu, assim, eu aprendia reza mas eu não rezava em ninguém. A primeira reza que rezei foi naquele Vaguim da comadre Hosana, primeira reza para quebrante. Aí eu rezava, eu sabia mas eu não rezava em ninguém.

200 |

A partir dos relatos acima, é possível inferir que há uma diferença quanto ao começo destas mulheres no mundo da benzeção. Elda Rizzo, ao trabalhar sobre estas questões, vai nos dizer: “[...] no momento inicial que move a benzedeira em busca de um conhecimento que lhe possibilite o exercício do seu ofício, o despertar para a benzeção é o “chamamento”, isto é, quando ela se descobre vocacionada para praticar o bem”⁴.

No entanto, na fala de Dona Maria Lázaro, seu processo inicial no ofício da benzedura se dá por conta de uma necessidade pessoal e familiar, ou seja, no seu caso, tudo começou no propósito de curar seus próprios filhos. Ao contrário de Dona Raimunda Marciano, que traz o ofício da benzedura como um dom que vem de Deus. Para tanto e diante da fala de Dona Raimunda, surge o seguinte questionamento: mas que dom é este que precisa ser aprendido? E, por vezes, num longo espaço de tempo? Pois se paramos para observar a fala de Dona Raimunda, ela vai dizer que começou a aprender com doze anos, mais só realizará sua primeira ação aos vinte anos.

<sup>3</sup> Maria Ferreira Lino conhecida por (Maria Lázaro), 73 anos, aposentada. Entrevista realizada pela autora em 07 de Maio de 2017. Sítio Belém, Alcântaras-CE.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *Doença, Cura e Benzedura*: um estudo sobre o ofício da Benzedura em campinas, 1983 p. 178.

Contudo, ainda que este aprendiz comece a aprender as rezas em idade precoce, seu reconhecimento só virá na sua fase adulta, pois tudo parte da experiência. Ainda nesta linha de raciocínio, a aprendizagem se dá através da memorização das palavras, que em meio a tantas explicações pode ser entendida como uma estratégia das famílias mais pobres que, em meio às dificuldades e não podendo registrar tais orações, mantinham a preocupação com a memorização, mantendo assim a tradição da oralidade.

Portanto, é uma prática que não se dá num curto intervalo de tempo e os ensinamentos partiram de outras experiências, que por sua vez também vieram de outras, e não somente de outras experiências, mas de outras culturas, que lhes serviram para organizar e reorganizar a sua própria prática. Não querendo aqui de forma algum contradizer a fala destas mulheres, longe disto. No entanto, chamemos a atenção para aquilo que se tem como um “dom”, pois embora elas se coloquem como portadoras de um “dom”, de fato, na historicidade do processo, elas foram apreender como se fazia, elas não saíram benzendo de qualquer maneira, elas não inventaram suas rezas, considerando que elas podem até ter readaptado algumas, mas muitas das suas orações elas aprenderam com alguém que já praticava, se não aprenderam, como deixa claro Dona Raimunda, mas conviveram desde sua infância com um familiar que já praticava a benzeção.

Portanto, é preciso deixar claro que tudo parte de uma construção humana e social, embora elas se digam dotadas de um “dom divino”, elas passaram por todo um processo de aprendizagem, foi aos poucos que elas foram se dando conta e tendo conhecimento das diversas rezas, males, utensílios e ervas utilizadas em prol da cura dos males e enfermidades. |201

Outro importante ponto para se compreender o universo destas mulheres é saber que a prática da benzedura vai se constituindo com algumas características. Para aqueles que desejam exercer tal ofício, precisam acreditar no que estão se propondo a fazer, pois é nisto que consiste a prática da benzedura; não se negar de forma alguma a socorrer a quem necessitar, independente de quem quer que seja; independente das crenças e religião que seguem; nunca cobrar pelo serviço, pois para as benzedadeiras não é algo delas, e sim algo dado por Deus.

Este aspecto é unânime nas suas falas, o serviço jamais deverá ser cobrado. A justificativa para tal ênfase é que elas são apenas intermediadoras, ou seja, é um “dom” lhes dado para ajudar aqueles que sofrem de alguma enfermidade, logo, “é um dom que não lhes pertence”.

No entanto, e apesar de todo o discurso da gratuidade, nada impede que elas ganhem alguns agradados. Como bem nos relata Dona Maria Lázaro:

Minha filha, nunca cobre pelas rezas, a gente num pode não, mas as pessoas sempre dão alguma coisinha, me lembro que

rezei numa pessoa né, aí já fazia dias, quando cuidei a pessoa chegou aqui com uma rede embrulhada pra mim, me agradecendo que tinha ficado bom.

Noutra situação, e ainda que haja diferenças quanto à prática de cada uma destas mulheres, elas se declaram católicas, rezam e devotam os santos populares, que segundo Grayce Mayre: “No ritual da benzeção, através das rezas, elas invocam os poderes curativos dos santos com a convicção de que estes irão atender os seus pedidos, pondo fim àquelas dores que maltratam os seus clientes”<sup>5</sup>. E a partir de Márcia Moisés Ribeiro, uma das referências de Grayce Mayre, o poder curativo dos santos “é uma herança do catolicismo medieval – ou mesmo antes disso – e muito difundido no Brasil durante o período colonial. Uma tradição ainda bastante utilizada em nossos dias. Os santos representam uma intermediação entre Deus e os homens”<sup>6</sup>.

Portanto, os santos serão um apelo predominante entre estas mulheres da cura. O historiador Marc Bloch, ao escrever “Os reis taumaturgos”, esclarece um pouco sobre estas especialidades curativas dos santos:

A maioria dos santos verdadeiramente populares também possui seus talentos específicos: as pessoas dirigem-se a um deles rogando-lhe que cure os males dos olhos; a outro pedem que remedeie os males do ventre; e assim por diante. Mas, até onde se pode ver, essas especializações raramente estão lá desde o início; a maior prova está em que às vezes elas variam. Todo santo passa por médico junto ao povo; pouco a pouco, em virtude de associações de idéias freqüentemente obscuras, algumas vezes por um simples calembur, seus fiéis acostumam-se a atribuir-lhe o dom de mitigar, sobretudo esta ou aquela enfermidade; o tempo faz sua obra; ao fim de certo número de anos, a crença nesse poder bem determinado tornou-se no pobre mundo dos sofredores um verdadeiro artigo de fé<sup>7</sup>.

Estas mulheres ainda manejam ramos verdes e são unânimes em afirmar que não cobram pelas suas rezas, mantendo o discurso de que a prática de reza é uma caridade. É comum ouvir destas mulheres que quem cura é só Deus, o poder da cura está com ele. Assim, como nos fala Dona Maria Lázaro:

<sup>5</sup> SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. *Benzedura e Mentalidade: sobrevivência de uma prática historicamente acumulada*. ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, 2003, p. 4. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/9634518-Anpuh-xxii-simposio-nacional-de-historia-joao-pessoa-2003.html> >. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>6</sup> RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos – A arte médica no Brasil do século XVIII Apud SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. Benzedura e Mentalidade: sobrevivência de uma prática historicamente acumulada*. João Pessoa, 2003, p. 4.

<sup>7</sup> BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 59.

É porque se a gente reza em um bucado de gente e não tá com fé, às vezes não serve de nada, têm que ter a fé de Deus porque tá chamando Deus para a gente, para a pessoa, mais aí se num tiver um pingão de fé em nada, aí já era, daquela vez não serve não, pode vim outra vez. Num sei em quem eu rezei esta última vez e a pessoa disse que doeu tanto e eu disse, pois tenha fé em Deus que você vai ficar bom, eu nem pergunto isso as pessoas não, ela que mim diz. Eu não gosto não, porque eu não gosto mesmo, até que tem gente que diz que não sei de nada, aí eu digo ta é bom de mais (risos) só que eu sei mesmo<sup>8</sup>.

Não diferente para Dona Maria do Livramento, que vai dizer que: “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus, porque tenho fé naquele pai, porque nós não faz, quem faz é Deus, porque se não tivermos fé aquela reza não está valendo nada<sup>9</sup>”.

Fica, portanto, entendido que esta prática consiste na fé, ou seja, a cura se realiza no acreditar por parte de quem oferece a reza e de quem recebe, consistindo mais ainda na fé daquele que é bento.

Deste modo, com falas ricas em detalhes e singularidades, as benzedeadas deixam transparecer um tempo marcado pelas diversas experiências presenciadas e vividas por elas. Demonstrando ainda que a benção está muito além do ato da oração, dos símbolos e utensílios utilizados, está também nos seus olhares, rostos e semblantes. Não havendo uma receita pronta do processo de aprendizagem, do início, da transmissão do fazer de tal prática, tudo faz parte de um conjunto que se dá nos detalhes, nos silêncios, nas experiências em uma sabedoria inexplicável.

|203

É uma prática que se constitui a partir de uma identidade coletiva, no entanto, cada benzedeadora apresenta sua forma particular de realizar seus rituais, e sua maneira singular de benzer. Assim que, na história das benzedeadas, o social e o individual se entrelaçam.

Já em relação ao lugar da realização do ritual, parte muito da particularidade de cada benzedeadora, Dona Maria Lázaro nos diz:

Rezo mais na minha cozinha, mais num tem lugar certo para eu rezar não, rezo na sala, na cozinha... Sei que rezei em três de uma vez, rezei em todos três aí nessa calçada aí fora, só a fé de Deus mesmo, aí eu rezei em um povo que fazia era por nome em mim, porque não ficava bom, aí num fica bom mesmo não, nem o camarada tem fé, nem o camarada sabe a reza<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> *Idem.*

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Maria do Livramento de Menezes, conhecida por Dona Marinhinha, de 71 anos, aposentada, moradora da comunidade do Sítio Belém, no município de Alcântaras-CE, em 31 de agosto de 2018.

<sup>10</sup> Maria Ferreira Lino (Maria Lázaro). Entrevista já citada.

Algo bastante interessante e importante a se frisar é o zelo e o cuidado que estas mulheres mantêm sobre este ofício. Uma transmissão e um conhecimento que é dado num intervalo de tempo longo e demorado. Algumas delas se dedicaram anos, usando do tempo não somente para apreender as rezas, mas também para apreender as coisas da natureza, tomando conhecimento sobre o mundo natural e mantendo uma relação muito próxima com a natureza. Portanto, neste tópico pretendeu-se apresentar um panorama cultural e social desses sujeitos históricos, uma vez que ficou entendido que não nasceram benzedeiros, mas tornaram-se. E para finalizar, trago uma citação de Sergio Buarque de Holanda, que diz:

Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história<sup>11</sup>.

### Fontes Orais:

204 | Maria Ferreira Lino, 73 anos, aposentada, moradora do Sítio Belém, Entrevista realizada por Maria Deiziane Lino, em 07 de maio de 2017. Sítio Belém, Alcântaras-CE.

Raimunda Marciano da Costa, 51 anos, aposentada, moradora do Sítio Milagre, Entrevista realizada por Maria Deiziane Lino, em 07 de agosto de 2018. Sítio Milagre, Alcântaras-CE.

Maria do Livramento de Menezes, 71 anos, aposentada, moradora do Sítio Belém, Entrevista realizada por Maria Deiziane Lino, em 07 de maio de 2017. Sítio Belém, Alcântaras-CE.

---

<sup>11</sup> Disponível <<https://www.pensador.com/frase/NTgzMjMw/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

## Autores desta obra

*Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antônio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Nilson Almino de Freitas, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samarooni Moraes de Queiroz, Maely Alves de Mesquita, Carlos Augusto Pereira dos Santos*

*Nossa Gente, Nossa História* é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-9539-035-5



9 788595 390355